

Um objecto qualquer A, concreto, é definido psicologicamente por uma relação determinada entre sensações concretas, cousas no espaço e no tempo. Um objecto em geral é definido por uma relação em geral coordenando estes mesmos elementos, mas indeterminados.

Assim o objecto A é uma relação fixa, suponhamos, entre o elemento côr *a*, o som *b*, e o gôsto *c*; um objecto qualquer é uma relação qualquer entre côres, sons, tacto, etc.; mais geralmente ainda é uma relação qualquer entre sensações quaisquer. E dizemos apenas «é uma relação qualquer», passamos a uma abstracção formal, indeterminada, mas que supõe implícitos os correlatos «sensações quaisquer».

Mas os elementos *côr*, *som*, *tacto*, e depois *sensação*, são por seu turno abstracções baseadas nos elementos comuns das côres, dos sons, do tacto, e depois, quanto a sensação, nos elementos comuns da *côr*, do som, do tacto. Assim partindo dos elementos dados imediatamente, encontramos uma estratificação de generalizações: *côr a*, *côr b* ... → *côr* → *sensação*, estratificação que repousa sôbre o dado.

Quando dizemos que o objecto em geral é uma relação entre sensações, fazemos já não sòmente uma relação indeterminada, entre os elementos do dado, mas uma relação cujos termos são abstracções baseadas no mesmo dado. Tal noção «objecto qualquer» é a cápsula de uma relação indeterminada com uma abstracção; é uma relação qualquer entre os elementos comuns, gerais, do dado.

Com êste mecanismo, emquanto o dado é pensado implicitamente ser abstracto, emquanto êle é sub-somado, sub-entendido no processo, a marcha do pensamento é segura, e não se arrisca a cair no vago, no vazio do conteúdo; mas quando tal não sucede, e perdemos de vista, a distância, o dado, quando passamos à relação formal pura (o objecto é uma relação qualquer...), sem pensarmos implícitos os correlatos, tudo então se torna indeciso e confuso, e não trabalhamos senão com símbolos. E tais símbolos perdem a conexão, mesmo distante, com os correlatos, está cortada a ligação entre o pensamento abstracto e o real, e d'óravante trabalha no vazio. A' indeterminação generalizadora succede-se o incondicionado, à relação com termos (embora implícitos) succede-se a relação pura-

mente formal, abstracta: — e isto basta, nos processos complicados do espírito para crear as mais extraordinárias configurações, e as mais estranhas ilusões: o pensamento vai então atrás de puras miragens. Isto é tanto mais assim quanto nos processos habituais do pensamento encontramos o recurso indispensável da substituição das relações complexas (conceitos) por símbolos em que já não são, por economia mental, pensados os correlatos, sejam estas relações entre outros correlatos, sejam termos correspondentes ao dado. Se o símbolo passa a corresponder a uma pura relação formal (o objecto é uma relação), estamos então arriscados a viciar por completo o pensamento fazendo-o cair na indeterminação completa e no arbitrário.

Este facto, combinado com outros processos psicológicos e históricos inerentes às formas do pensamento, conduz nos precisamente a vícios tais como os seguintes, referidos por Carnap (1). «Eis por exemplo a palavra «princípio», tal como se emprega em «princípio do ser», e não «princípio do conhecimento». Muitos metafísicos põem a questão: «qual é o princípio supremo do mundo, das coisas, do ser?» e dão em seguida uma resposta, por exemplo: a água, o número, a forma, o movimento, a vida, o espírito, a ideia, o inconsciente, o acto, o bem, etc. Resta-nos, se queremos descobrir a significação da palavra «princípio» em tal caso, pedir a êsses metafísicos que nos digam em que condições uma proposição da forma «*x* é princípio de *y*» de significar «*y* deriva de *x*», «a existência *y* repousa sôbre a de *x*», «*y* existe por *x*» ou qualquer coisa de análogo. Mas não é ainda preciso; o equívoco subsiste sob tais palavras. Dizemos por exemplo de uma coisa ou fenómeno *y* que êle deriva de *x*, quando observamos que à coisa ou fenómeno do género *x* succederam muitas vezes coisas ou fenómenos do género de *y*; é a relação causal no sentido de uma sucessão regular e, desta vez a significação das palavras não se presta a ambigüidades. Mas os metafísicos vão dizer-nos que não é disso que se trata, nem de relação a estabelecer experimentalmente; e, com efeito, se passa doutra maneira, os enunciados metafísicos não seriam senão puros enun-

(1) Carnap, «La Science et la Métaphysique devant l'analyse logique du langage».